
O IMAGINÁRIO DE MULHER, SÓCIO-HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO, NA CANÇÃO “EU SOU PROBLEMA MEU”, DE CLARICE FALCÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Julienne Moreira Cardoso Silva – SEDUC/GO¹

Resumo: O presente trabalho traz uma reflexão sobre o discurso constituído por um imaginário de mulher, sócio-historicamente construído, na letra da canção de Clarice Falcão – “Eu sou problema meu”. Para esta discussão, tomamos como base a teoria Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux, em que não se considera a indissociabilidade entre sujeito/língua/história e ideologia. O sujeito não é um ser isolado, pois é afetado pela sociedade, a história e a ideologia que circulam em todos os espaços, e seu discurso materializa-se na língua. Para a nossa análise, fundamentamo-nos, principalmente, em Orlandi (2015; 1996), Moraes (2005), Bourdieu (2002) e Foucault (2003), mobilizando, entre outras noções, as de sujeito, língua, ideologia, interdiscursividade, formações imaginárias e contexto sócio-histórico. A nosso ver, na letra da referida música, a autora busca fazer uma desconstrução do conjunto de imagens atribuídas às mulheres, na sociedade, ao longo da história. Para isso, constrói vários enunciados constituídos por uma recorrência à negação que aponta para a heterogeneidade constitutiva. No intuito de compreendermos o funcionamento discursivo da negação, tomamos como base as obras de Indursky (1997), Maingueneau (1991), Pavan (2013) e Henge (2009). Sabendo que tudo o que está no texto é importante para se pensar a discursividade, consideramos imprescindível explorar a negação que se repete por tantas vezes, na superfície linguística da letra da canção analisada (*Não me leve a mal/Mas você não me tem/Eu não sou um chapéu/No armário de alguém/Não valho um real...*). Nossa análise aponta para o fato de que esta materialidade linguística está produzindo efeito de sentidos inscritos na memória discursiva que remete à objetificação da mulher.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Ideologia. Negação. Memória discursiva.

THE SOCIO-HISTORICALLY CONSTRUCTED WOMAN'S IMAGINARY IN THE SONG “I AM MY PROBLEM” BY CLARICE FALCÃO: A DISCURSIVE ANALYSIS

Abstract: The present work brings a reflection on the discourse constituted by an imaginary of woman, socio-historically constructed, in the lyrics of the song of Clarice Falcão - “I am my problem”. For this discussion, we take as basis the theory of Discourse of French line, founded by Pêcheux, in which the indissociability between subject / language / history and ideology is not considered. The subject is not an isolated being, because it is affected by the society, the history and the ideology that circulate in all spaces, and its discourse materializes in the language. For our analysis, we are based mainly on Orlandi (2015, 1996), Moraes

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2012/2015); Pedagogia pela Claretiano (2020 - 2021). Atuou como professora de português e Coordenadora da área de Linguagens códigos e sinais - CEPI Prof. João Rezende de Araújo (2018-2022). Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica da Instituição Escolar CEPI Prof. João Rezende de Araújo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Espanhol. Especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2015); Educação, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Goiás - UEG (2020); Ensino de Língua Portuguesa - Faculdade Única de Ipatinga (2021).

(2005), Bourdieu (2002) and Foucault (2003), mobilizing, among other notions, those of subject, language, ideology, interdiscursivity, imaginary formations and socio-historical context. In our opinion, in the lyrics of the song, the author seeks to deconstruct the set of images attributed to women in society throughout history. For this, it constructs several statements constituted by a recurrence to the negation that points to the constitutive heterogeneity. In order to understand the discursive functioning of negation, we take as a basis the works of Indursky (1997), Maingueneau (1991), Pavan (2013) and Henge (2009). Knowing that everything in the text is important to think discursivity, we consider it imperative to explore the negation that is repeated so many times, on the linguistic surface of the song lyric analyzed (*Do not get me wrong / But you do not have me / I'm not a hat / In someone's closet / I'm not worth a real ...*). Our analysis points to the fact that this linguistic materiality is producing effects of meanings inscribed in the discursive memory that refers to the objectification of women.

Keywords: Discourse Analysis. Ideology. Negation. Discursive memory.

INTRODUÇÃO

Este artigo baseia-se na teoria francesa da Análise de Discurso, que aborda o discurso como um fenômeno social, considerando elementos como a condição de produção, o sujeito, a situação, a comunicação, o contexto, o sócio-histórico e o ideológico (ORLANDI, 2015). Portanto, não há uma separação entre sujeito, língua, história e ideologia. O sujeito é entendido como uma construção influenciada pelo ambiente, integrando-se à história e à ideologia que permeiam todos os espaços, resultando na materialização do discurso na língua. Orlandi, (2015, p. 37) salienta que:

[...] não há discurso que não se relacione com outro. [...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para o outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo o discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso.

Orlandi destaca a interconexão inerente aos discursos, enfatizando que cada expressão linguística está intrinsecamente ligada a outros discursos. Os sentidos emergem das relações, sendo que um discurso não só é sustentado por outros, mas também aponta para discursos futuros. Essa visão concebe todo discurso como um estado dentro de um processo discursivo mais amplo e contínuo, eliminando a ideia de um começo absoluto ou um ponto final definitivo para qualquer discurso. Isso sugere uma compreensão dinâmica e interdependente da linguagem e das comunicações. O imaginário assenta-se no modo como as relações sociais

se inscrevem na história (simbólico), depende das relações de poder (político), já os sentidos são determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, trazemos alguns apontamentos relacionados à teoria Análise de Discurso; na sequência tratamos de alguns aspectos referentes à construção histórico-social do imaginário de mulher que ainda predomina na nossa sociedade. Posteriormente, apresentamos a análise discursiva da letra da música “Eu sou problema meu”, de Clarice Falcão. Para finalizar, tecemos algumas considerações a respeito da reflexão que nos foi possível fazer, a partir da análise discursiva da letra da referida canção.

2 A ANÁLISE DE DISCURSO: RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL ENTRE SUJEITO/LÍNGUA/HISTÓRIA E A IDEOLOGIA

A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdo. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia. (ORLANDI, 2015 p.51)

A pesquisadora Eni Orlandi destaca a opacidade da linguagem, argumentando que os sentidos não são simples conteúdos claros. Ela enfatiza a interação direta e pessoal do sujeito com a linguagem, afirmando que é nesse "corpo a corpo" que o sujeito se expressa. Além disso, salienta que esse processo vai além das evidências produzidas pela ideologia, sugerindo que a compreensão da linguagem transcende simplesmente as influências ideológicas, implicando uma relação mais complexa e pessoal com a linguagem.

A Análise de Discurso foi fundada no ano de 1969, por Michel Pêcheux, que articulou três áreas do conhecimento: a linguística, o marxismo, a psicanálise e, ao mesmo tempo, faz um questionamento sobre esta “tríplice aliança”, apresentando uma reflexão sobre sujeito, língua e a história. Orlandi (2015, p. 18) argumenta sobre a forma como constituiu-se a teoria, afirmando que Pêcheux² “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia [...]”.

É importante dizer que o discurso é constituído pela ideologia que, por sua vez,

² Pesquisador Francês citado pela autora Eni Orlandi (Análise de discurso: Princípios e procedimentos, 2015)

estabelece sentidos para diferentes sujeitos. Segundo Pêcheux (1995, p. 159-160),

[...] é a ideologia que, através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designado, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser [...] é a ideologia que fornece evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queriam dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim sob a transparência da linguagem’ aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e enunciados. (grifos do autor).

O discurso é uma construção social, e o sujeito não é fonte e origem dele. São consideradas as condições de produção de discurso e estas se constituem pelos interlocutores, a situação de comunicação e o contexto sócio-histórico e ideológico. Conforme Orlandi (2015, p. 30), “o fato que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma do dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.”

Dessa maneira, entende-se que a memória discursiva ou o interdiscurso possibilita a retomada de outros dizeres para embasar o que está sendo dito, e esses dizeres já podem ter sido ditos e esquecidos. É possível observar que a ideologia e a linguagem estão diretamente ligadas, pois a língua e a história se realizam em nós em sua materialidade.

O sujeito é uma construção social que se constitui por meio da linguagem e dos sentidos que estão postos. Vivemos numa sociedade que estabelece padrões diferentes para o sexo feminino e para o masculino. As mulheres, ainda, são vistas como donas de casa, mães de filhos e submissas à vontade masculina. Esses são alguns sentidos atribuídos às mulheres em nossa sociedade. Esse posicionamento é tomado por verdade absoluta por algumas famílias patriarcais, tentando silenciar a voz das mulheres. Refletindo sobre esse padrão de mentalidade, Pierre Bourdieu (2012, p. 18) salienta:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos [...].

É possível perceber que há um distanciamento do imaginário de liberdade. Bourdieu aponta a poderosa influência da ordem masculina, evidenciando que esta opera sem a

necessidade de justificação. A perspectiva androcêntrica se apresenta como neutra, não requerendo discursos para legitimá-la. A ordem social é comparada a uma vasta máquina simbólica que reforça a dominação masculina. Isso se manifesta na divisão estrita do trabalho, na distribuição de atividades entre os sexos, nos locais, momentos e instrumentos atribuídos a cada gênero. Essa análise aponta para a naturalização e perpetuação da hierarquia de gênero na estrutura social.

Compreendemos que as mulheres não são seres homogêneos e sim heterogêneos, em uma diversidade de luta constante em espaços diferentes. Por isso, quando se fala em luta, é difícil definir, pois cada uma tem seu peso diferenciado. Mulheres são plurais e vivenciam/travam batalhas diferentes todos os dias. Historicamente, as mulheres foram impedidas de assumir alguns tipos de papéis na sociedade e tiveram silenciadas as suas vozes.

3 O DISCURSO DE EMPODERAMENTO DA MULHER

Desde meados da década de 1960 os Estados Unidos e a Europa foram marcados pelas manifestações de protesto e luta pela liberdade do voto feminino, bem como demais direitos que impulsionaram os movimentos feministas da época. Um dos primeiros protestos, o qual ficou marcado, foi a “queima de sutiã”, que teve como contribuição a reflexão de muitas mulheres sobre seu papel.

No Brasil, o movimento feminista surgiu na década de 1970 com a principal função de contrapor-se à hierarquização de papéis ditos femininos e masculinos estabelecidos pelo patriarcado, em que as mulheres foram/são submetidas. Em relação a esse fato, Alves e Alves (2013, p. 4) esclarecem que “na década de 1970, o movimento ganha expressividade através dos debates públicos sobre o papel da mulher na sociedade”.

Resultantes de uma sociedade que impôs e impõe padrões, surgem as vozes femininas, fazendo reivindicações de seus direitos, denunciando as desigualdades e buscando um novo processo de construção social da mulher. São esses movimentos de constante luta que foram/são fundamentais para dar visibilidade às vozes femininas.

Atualmente, as mulheres vêm conquistando espaços que antes eram vistos apenas como lugares ocupados por homens e essa forma de pensar perpetuou-se por muito tempo pelo funcionamento da ideologia. Conte (2011, p. 303), afirma que “o patriarcado colocou as mulheres como seres que nasceram para servir, ao passo que os homens são tidos como seres

que bastam a si mesmos.” A imagem que se tinha de mulher era vinculada à submissão, à obediência, como dona do lar. Em outras palavras, destaca a visão patriarcal que coloca as mulheres na posição de seres destinados ao serviço, enquanto os homens são percebidos como seres autossuficientes. Isso aponta para uma dinâmica de gênero profundamente arraigada, na qual as mulheres são subjugadas a papéis de submissão, enquanto os homens são concebidos como independentes e auto suficientes. Essa observação destaca as desigualdades de gênero inerentes ao patriarcado e a maneira como ele molda as expectativas e os papéis sociais. Recorremos, novamente, Alves e Alves (2013, p.5) que afirmam:

Os papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres são questionados pelo feminismo, que se constitui um movimento diferente dos demais ao defender os interesses de gênero das mulheres, caracterizado pela sua autonomia em relação a outros movimentos e organizações.

O movimento feminista proporcionou/proporciona, por meio de estudos e práticas, contribuir para a desconstrução das formações imaginárias construídas ao longo da história sobre o papel da mulher na sociedade. É com base nestas reflexões e fundamentadas na teoria Análise de Discurso que discutimos alguns aspectos da letra da referida canção de Clarice Falcão, enquanto *corpus* de nosso estudo.

4 ANÁLISE DISCURSIVA DA LETRA DA CANÇÃO “EU SOU PROBLEMA MEU”

É frente ao cenário de luta e muitas discussões a respeito da igualdade de direitos das pessoas de diferentes gêneros que trazemos para análise a letra da música de Clarice Falcão – “Eu sou problema meu”, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos à mulher. Veja no quadro abaixo o recorte da letra da canção de Clarice Falcão – Eu sou problema meu:

Não sei de ninguém que me vendeu Por dois camelos pra você Em um negócio armado no meio da rua Nem cartório algum reconheceu Um documento que explicita em papel Que legalmente eu sou sua Quando eu disse sim aquela hora Eu disse sim aquela hora Eu não disse sim por toda a eternidade Eu não sei se você tá por fora Mas eu não tenho registro Compra e venda feito uma propriedade pessoal	Não me leve a mal Mas você não me tem Eu não sou um chapéu No armário de alguém Não valho um real Também não valho cem Eu sou problema meu Eu nasci pessoa, gente Eu não nasci coisa Eu não sou brinde de criança, nem presente de natal Não me espere aí na sua estante Nem agora, nem por três vezes sem juros Nem no seu cheque especial Não me leve a mal Mas você não me tem [...]
---	---

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/clarice-falcao/eu-sou-problema-meu/>

Para que seja possível o entendimento da produção de determinados efeitos de sentidos, recorreremos à noção teórica de formações imaginárias que constituem este processo. Nesse intuito, apresentamos abaixo o esquema organizado por Pêcheux (1997, p. 83), considerando que “A” é o destinador/emissor; “B” é o destinatário/receptor e “R” é o referente/tema abordado na interlocução. Vejamos:

Expressão designando as formações imaginárias		Significação da expressão
A	I _A (A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em A
	I _B (B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em A
	I _A (R)	“Ponto de vista” de A sobre R
B	I _B (B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em B
	I _B (A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em B
	I _B (R)	“Ponto de vista” de B sobre R

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Pêcheux (2014a, pp. 82-83).

Em referência às formações imaginárias esclarece Orlandi (2015, p. 38) que é fundamental considerarmos:

[...] a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz do seu interlocutor, a imagem que ele faz da imagem do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de mesmo, de quem lhe fala, e do objeto do discurso.

O discurso é elaborado por dois tipos de processos: parafrástico e polissêmico. Para entendermos melhor o funcionamento destes processos, recorreremos a Orlandi (2015, p. 34) que esclarece a respeito deles, afirmando que os processos parafrásticos:

[...] são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o divisível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno do mesmo espaço a dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Neste sentido, a autora citada reforça a importância da memória e do divisível na comunicação, onde a paráfrase representa a repetição do mesmo espaço discursivo. Isso implica em diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado, contribuindo para a estabilização do significado. Relacionando isso à música de Clarice Falcão é possível perceber que a artista aborda questões pessoais e sociais de maneira direta, como uma forma de paráfrase, reafirmando e sedimentando suas mensagens. No entanto, a música também contém elementos de polissemia, utilizando o equívoco e a ruptura para expressar diferentes camadas de significado e deslocamentos na narrativa. Essa dualidade enriquece a análise da música, revelando uma interação entre estabilização e deslocamento na construção de sentido.

Vejamos as sequências discursivas, a seguir:

Não sei de ninguém que me vendeu Por dois camelos pra você Em um negócio armado no meio da rua Nem cartório algum reconheceu Um documento que explicita em papel Que legalmente eu sou sua
--

Aqui, a compositora faz referência à cidade de Marrocos, situada no continente Africano, em que é comum trocarem mulheres por camelos e a negociação acontece ao ar livre. Tem-se um diálogo com diferentes culturas e posicionamentos, pressupondo, no jogo de imagens, que o interlocutor/homem tenha conhecimento dessa possibilidade de negociação, na cultura mencionada. Além disso, o trecho citado aborda a complexidade das relações

interpessoais. Assim, a expressão "Não sei de ninguém que me vendeu" sugere a ausência de um contrato ou acordo formal, alinhando-se à ideia de que a linguagem vai além das formalidades institucionais. Essa informalidade reflete aspectos da teoria de Orlandi, que destaca a linguagem como um processo social e ideológico. O uso de "Por dois camelos pra você" e "Um negócio armado no meio da rua" evoca uma linguagem figurativa, apontando para a negociação e a complexidade das relações humanas. Isso se alinha com a ideia de que os sentidos não são simples conteúdos, mas sim construções sociais e simbólicas.

Entrelaçando isso com a cultura local, a referência aos "camelos" pode evocar elementos culturais específicos, dependendo do contexto regional. A abordagem informal e, por vezes, humorística na letra também pode refletir características da comunicação cotidiana, reforçando a ideia de que a linguagem é moldada pelo ambiente cultural e social.

A autora da canção também recorre ao discurso jurídico, que se constitui e se oficializa em locais como o cartório, afirmando que não há qualquer tipo de documentação comprovando a legalidade de posse.

Tomamos Orlandi (2015, p.44) quando diz que “a ideologia [...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. A ideologia é fundamental para a constituição do sujeito e dos sentidos, sendo o sujeito interpelado pela ideologia para que o dizer seja produzido. Relacionando ao trecho da música de Clarice Falcão, a ausência de formalidades e a referência a um negócio informal "no meio da rua" podem ser interpretadas como uma manifestação da influência da ideologia na construção das relações interpessoais. A expressão "Por dois camelos pra você" pode ser entendida como uma forma simbólica de representar a complexidade e talvez até a irracionalidade de determinadas transações emocionais. Esse uso de metáforas e a escolha de não recorrer a um "cartório" para formalizar a relação destacam como a linguagem e as relações sociais são moldadas por ideologias subjacentes, que muitas vezes desafiam as normas convencionais. Assim, pode-se dizer que Orlandi e a letra da música enfatiza como a ideologia permeia as interações humanas, influenciando não apenas os sentidos atribuídos, mas também os modos pelos quais as relações são estabelecidas e expressas.

É necessário ressaltar que dos 26 versos que constituem a letra da música que buscamos analisar, 17 trazem marcas de negação (não e nem). A recorrência à negação é predominante nesse texto, pois na maior parte dos enunciados são constituídos pela negação.

Isso não ocorre aleatoriamente, considerando que “não há modo do sujeito e do sentido estarem fora da história, do ideológico, do efeito imaginário”. (ORLANDI, 1995, p. 168).

Para Clarice Falcão, que se inscreve numa formação discursiva feminista, é imprescindível fazer um retorno aos sentidos postos num processo de contraidentificação a uma formação discursiva machista que circula em nossa sociedade. Vejamos:

Quando eu disse sim aquela hora Eu disse sim aquela hora Eu não disse sim por toda a eternidade Eu não sei se você tá por fora Mas eu não tenho registro Compra e venda feito uma propriedade pessoal

Nestes recortes discursivos, pode-se observar que há a negação da autora/mulher em versos seguidos: “Eu **não** disse sim por toda a eternidade / Eu **não** sei se você tá por fora”, retrata-se, no primeiro enunciado, que faz-se uma referência ao discurso religioso que fundamenta as uniões matrimoniais: “Até que a morte os separe”, em que é firmado um compromisso para toda eternidade.

Ao mesmo tempo, a cantora orienta seu leitor/ouvinte, no segundo enunciado, para o fato de não ser propriedade particular de pessoa alguma: “Mas eu não tenho registro / Compra e venda feito uma propriedade pessoal”.

Assim, os recortes citados acima retratam enunciados de negação que podem ser comprovados pelo uso repetitivo do advérbio “não”. Neste sentido, os enunciados de negação são constituídos por dois tipos, conforme Maingueneau (1997, p.80), “o primeiro afirma algo e o segundo nega tal afirmação”, ou seja, no processo de negação o sujeito retoma dizeres pré-construídos. Em outras palavras, o que já foi dito por outro sujeito, em um dado momento histórico, em lugares diversificados. Nessa perspectiva, o processo de produção da negação está relacionado ao interdiscurso, considerando que, nas palavras de Orlandi (2015, p. 30-31):

[...] há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscursos ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação [...] o que estamos chamando de interdiscurso – representada como eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscursos – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

A noção de já-dito se faz importante para a compreensão a respeito do funcionamento do discurso, relacionando o sujeito à ideologia, pois o sujeito pensa que sabe o que diz, mas não tem o controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Foucault (2003, p.179-180) afirma que a sociedade é descrita por discursos que determinam como verdadeiros, impossibilitando outros sentidos de terem espaço de significação. Em relação a isso, ele esclarece:

[...] em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir dessa dupla exigência. Somos submetidos pelo poder a produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade.

Como vimos, Foucault (2003) salienta a respeito da relação indissociável entre o sujeito/língua/sociedade, pois é por meio da língua que se estabelecem sujeitos e sentidos que, por sua vez, organizam a sociedade. Diante desse aspecto, trazemos outras sequências discursivas que apontam para a imagem construída de sujeito-mulher.

Não me leve a mal Mas você não me tem Eu não sou um chapéu No armário de alguém Não valho um real Também não valho cem Eu sou problema meu
--

A estrofe inicia com mais uma marca de negação que, de acordo com as contribuições de Indursky (1997, p. 213), é:

[...] um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise. Em suma, essa construção evidencia a presença do discurso-outro.

Relacionando com as contribuições de Indursky, a recusa em ser um "chapéu no armário de alguém" e a autodefinição como "problema meu" sugerem um processo de resistência à internalização de discursos externos. O eu lírico parece estar consciente da influência de discursos alheios e opta por afirmar sua autonomia e individualidade. A

presença do "discurso-outro", mencionado pelo autor, pode ser interpretada nesse contexto como a resistência do eu lírico em incorporar enunciados externos que buscam definir seu valor ou significado. Assim, a música destaca a importância da autodeterminação e a recusa em ser moldado por discursos que não estejam alinhados com a identidade pessoal. Este discurso-outro que remete ao interdiscurso se faz presente para afirmar seu posicionamento. É nesta perspectiva que atentamos para os enunciados a seguir:

Não me leve a mal Mas você não me tem Eu não sou um chapéu, no armário de alguém

Percebemos no pedido de desculpas da locutora/autora da canção que ela antecipa uma possível reação de insatisfação do seu interlocutor-homem. A respeito desse funcionamento discursivo, Eni Orlandi (2015 p. 37) denomina de mecanismo de antecipação. Para a pesquisadora, pelo mecanismo da antecipação:

[...] todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. [...] esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor.

O da música enfatiza a ideia de que o eu lírico não pertence a outra pessoa, afirmando "Não sou um chapéu no armário de alguém". Relacionando isso com o mecanismo de antecipação, a música expressa a capacidade do sujeito de antecipar e considerar o impacto de suas palavras no interlocutor. A recusa em ser possuído ou controlado é uma afirmação da autonomia do eu lírico, e essa autodeterminação é moldada pela consciência do efeito que suas palavras podem ter sobre o outro. A argumentação na música reflete a consideração cuidadosa do sujeito em relação ao sentido que suas palavras podem produzir, destacando a intenção de influenciar o interlocutor de uma maneira específica.

Dessa forma, o trecho da música ilustra como o sujeito, ao afirmar sua independência, está ciente do mecanismo de antecipação e direção da argumentação para influenciar os efeitos desejados sobre o interlocutor, alinhando-se com a dinâmica comunicativa descrita por Orlandi. Aqui é possível notar-se um gesto de resistência ao discurso machista em que a

mulher é vista como propriedade e tem um preço. Nesta direção, Henge (2009, p. 4) fala:

A negação funciona discursivamente trazendo o discurso-outro para o espaço do discurso-um, pelo trabalho do sujeito na língua, fazendo ambos os discursos coexistirem mediante um conflito instaurado na formulação, acerca da construção do imaginário.

O pesquisador Henge destaca a função discursiva da negação, indicando que ela opera trazendo o "discurso-outro" para o domínio do "discurso-um". Isso ocorre por meio do trabalho do sujeito na língua, permitindo que ambos os discursos coexistam, mas gerando um conflito na formulação, especialmente no que diz respeito à construção do imaginário. A negação, nesse contexto, não é apenas uma rejeição simples, mas uma dinâmica que envolve a interação entre diferentes discursos. O sujeito, ao negar algo, incorpora, de certa forma, uma influência externa (discurso-outro) e a confronta com seu próprio discurso (discurso-um). Esse processo gera um conflito que se manifesta na formulação e na construção do imaginário, indicando como as negações podem ser pontos de tensão e negociação na construção do sentido discursivo. Para esta discussão, trazemos as considerações de Azambuja (2005, p. 56) que argumenta:

Existe uma relação entre linguagem e processo histórico-social. Por essa razão os efeitos de sentido se originam na constituição dos interlocutores, bem como do contexto. Sendo a nossa sociedade dividida, o sentido que circula também é dividido. O que sustenta uma aparência de unidade é o sentido sedimentado, institucionalizado.

Vejamos outros recortes discursivos:

Eu nasci pessoa, gente Eu não nasci coisa Eu não sou brinde de criança, nem presente de natal
--

Vemos que a compositora remete-se ao discurso da objetificação da mulher, para, então, contrapor-se a ele e nos é possível perceber essa contraposição pelo fato de dizer: “Eu nasci pessoa, gente”. De acordo com os autores Belmiro, De Paula, Laurindo e Viana (2015, p. 2):

A objetificação, termo cunhado no início dos anos 70, consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seu emocional ou psicológico, por ser

apontado como uma consequência de todo o processo histórico vivido pelas mulheres.

Os autores e pesquisadores abordam a objetificação como um conceito originado no início dos anos 1970, envolvendo a análise de um indivíduo no nível de objeto, desconsiderando aspectos emocionais ou psicológicos. Esse fenômeno é identificado como uma consequência do processo histórico vivido pelas mulheres. A objetificação, portanto, implica em reduzir uma pessoa, especialmente uma mulher neste contexto, a um objeto, omitindo aspectos subjetivos como emoções e psicologia. A justificativa de ser uma consequência do histórico das mulheres sugere que a objetificação é moldada por padrões sociais, culturais e históricos que desconsideram a individualidade e subjetividade das mulheres. Essa análise ressalta como as práticas objetificadoras estão enraizadas em contextos mais amplos e historicamente construídos.

Para compreendermos melhor o funcionamento da negação presente nas sequências discursivas, consideramos a possibilidade calculada de uma afirmação, assim como Indursky procedeu em *A fala dos quartéis e as outras vozes* (1997). Desse modo, trabalhamos com a afirmativa não como um enunciado real, mas como um cálculo. Se praticarmos o procedimento parafrástico, próprio ao método da Análise de Discurso, veremos que essa diferença entre o enunciado real e suas paráfrases indica para o jogo das formações discursivas, em que entra em questão a relação de sentidos extremamente diferenciados, como podemos ver a seguir:

[...]
Sei de alguém que me vendeu
Por dois camelos pra você
[...]
Um cartório reconheceu
Um documento que explicita em papel
Que legalmente eu sou sua
[...]
Quando eu disse sim aquela hora
Eu disse sim àquela hora
Eu disse sim por toda a eternidade
[...]
Mas eu tenho registro
Compra e venda feito uma propriedade pessoal
[...]
Mas você me tem
Eu sou um chapéu
No armário de alguém
[...]

Valho um real
Também valho cem
Eu nasci coisa
Eu sou brinde de criança, presente de natal
[...]
Me espere aí na sua estante
Agora, por três vezes sem juro
No seu cheque especial

Depois de termos feito esse processo de retirada das marcas de negação das sequências discursivas, pode ser observado nos trechos acima enunciados cujos sentidos nos parecem absurdos – “Sei de alguém que me vendeu/Por dois camelos pra você” “[...] Eu sou um chapéu”, mas que constituem a memória do dizer. Assim, é possível perceber no recorte acima que a compositora ao se inscrever numa formação discursiva feminista estabelece uma relação de confronto e de refutação com a formação discursiva machista. A esse respeito, Azambuja (2005, p. 34) explicita que “como tudo o que está no texto é importante para se pensar a discursividade, com certeza o fato de esse(s) enunciado(s) apresentar(em) em sua superfície linguística tantos marcadores (‘não’ e ‘nem’) é significativo. Essa repetição é uma materialidade que está produzindo efeito.”

O funcionamento ideológico produz um efeito de inquestionabilidade e para nós, enquanto analistas, há um estranhamento em relação à necessidade da compositora ter que afirmar o óbvio: “Eu nasci pessoa, gente”. Para compreendermos esse processo de construção do discurso em que a compositora recorre a tais palavras para se afirmar enquanto alguém do gênero feminino, é produtivo trazer a reflexão de Jacqueline Authier-Revuz (1998, p.26):

Essas palavras **porosas**, carregadas de discursos que elas têm incorporados e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituente, essas palavras **embutidas**, que se cindem, se transmudam em outras, palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se, essas palavras **que faltam**, faltam para dizer, faltam por dizer – defeituosas ou ausentes – aquilo mesmo que lhes permite nomear, essas palavras **que separam** aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação, é no real das não-coincidências fundamentais, irredutíveis, permanentes, com que elas afetam o dizer, que se produz o sentido. (grifos da autora).

Ainda conforme a autora, é necessário lembrar que “[...] fundamentalmente, as palavras que dizemos não falam por si, mas pelo... ‘Outro’³: Outro que abre o discurso sobre

³ ‘Outro’ com o “O” maiúsculo, ao qual Authier-Revuz se refere, trata-se do interdiscurso, da memória do dizer que é constitutivo das nossas formulações. (AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras: As não coincidências do dizer. Campinas, SP: Unicamp, 11998.)

sua exterioridade interdiscursiva interna.” Dito de outra forma, quando enunciamos nos remetemos a outros discursos já-ditos, ao longo da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos discutir sobre as imagens de mulher que constituem a música de Clarice Falcão, “Eu sou problema meu”, a fim de refletir sobre as diferentes formações imaginárias.

Ao analisar os recortes discursivos, percebemos que a locutora/autora da canção, ocupando a posição-sujeito do gênero feminino, produz seu texto recorrendo à negação em mais da metade dos enunciados de seu texto. A respeito desse posicionamento, há uma ênfase a determinadas imagens, em que se utiliza do mecanismo de negação para se contrapor ao que está posto no interdiscurso. Dito de outro modo, ela traz sentidos que retoma já-ditos em outro lugar.

Identificamos certos sentidos que são recorrentes no imaginário de mulher como, por exemplo, “mulher-objeto”, “mulher-propriedade”, ou seja, mulher-passível de ser adquirida por determinado preço, mulher subjugada à vontade masculina.

Para finalizar, chamamos a atenção em relação à importância de realizarmos um trabalho com análises de músicas, em sala de aula. Para Barros (2001, p. 465-6), “O fato de o discurso lítero-musical conter, além do texto, a música, leva à necessidade de se considerar não apenas a dimensão do narrado ou descrito (em oposição ao vivido), mas também a do cantado (em oposição ao mudo, ou apenas falado).” Nessa perspectiva, consideramos relevante que, enquanto educadores, adotemos a prática de trazer, para as nossas aulas, canções que possibilitem constituir um espaço de reflexão sobre discursos (im)postos em nossa sociedade, como a contraposição entre o discurso machista e o feminista, para, de alguma forma, conseguirmos um movimento de desconstrução em relação aos discursos que estão postos e tomados de forma unilateral, tanto pelas pessoas individualmente como pela sociedade em geral.

Referências

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres. IV SEMINÁRIO CETROS: Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. Fortaleza, 2013. Disponível em:

http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 04 de Jun/2019.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

AZAMBUJA, Elizete B. **Olhares, Vozes e Silêncios que excluem**: estereótipos de Índio. Cáceres: Unemat, 2005.

BELMIRO, Dalila Maria Musa. DE PAULA, Lucas Giovanni Coelho. LAURINDO, Priscila Fernandes de Araújo (et al). Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/37370592-Imagem-e-reflexo-no-copo-de-cerveja-uma-analise-da-construcao-da-imagem-feminina-na-publicidade-da-cerveja-devassa-1.html>. Acesso em: 05 de jun/2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONTE, Isaura Isabel. A Insubmissão das mulheres camponesas. In: STREY, Marlene N.; PIASON, Aline da Silva; JULIO, Ana Luiza dos Santos (orgs.). **Vida de mulher**: gênero, sexualidade e etnia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

COSTA, Nelson Barros da. A produção do discurso líteromusical brasileiro. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/teses/tese_nelson.PDF . Acesso em: 05 de jun/2019.

FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

HENGE, Gláucia da Silva. **O funcionamento da negação na discursivização de uma enciclopédia on-line**. IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/POSTERES/GlauciaDaSilvaHenge.pdf>. Acesso em: 04 de Jun/2019.

INDUSTRY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Tradução Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes. 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, Céli Regina Jardim. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23971.pdf>. Acesso em: 6 de mai/2019.

SARTI, Cynthia. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acesso em: 6 de mai/2019.

SEGATO, Rita Laura. A estrutura de gênero e a injunção do estupro. In: SUÁREZ, M; BANDEIRA, L. (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**. Brasília: UnB, 1999.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.